

## Ilusão nº7. carta em branco

(No espaço: um copo grande com leite. Como se fosse um vaso. Um projetor de slide. Uma janela de casa de ferro, com grade. Torneiras e uma goteria. Um par de sapatos.)

Pessoas precisam, não se sabe bem porque, de outras pessoas. Poucas decidem viver sozinhas, digo, sozinhas mesmo, em algum lugar fisicamente distinto, isolado. Fisicamente desejamos boca, agrados, alimento... (mesmo que por tempo curto e determinado). Algo bastante mamífero.

Tire a sua mão de mim garoto. Pediu uma senhora na calçada.

Mais tarde recomenda-se que não se ingira leite em demasia e pratique exercícios físicos regularmente. Na cidade conseguimos o alimento no supermercado e embalamos tudo em sacos plásticos infinitos. A atendente do caixa despede-se dizendo: tenha um bom dia. Come-se uma refeição em 10 minutos ou passa-se dias sem comer.

É melhor parar e pedirmos uma cerveja. Venha me ver mais tarde, prometo. Entre as roupas sujas lá está alguma que vc esqueceu outro dia (slide). Ah! Não é sua. Desculpe, me confundi. Mas olha, entre, fique a vontade e se quiser tomar um banho: a torneira da esquerda é a fria.

E retorno ao desapego. Preciso deixar de lado essa vontade específica. Preciso também pagar as contas na data certa para não ter que enfrentar a fila do banco e, por último, deixar para trás essa voz arrastada que de maneira recorrente me leva a comunicar com você.

Debaixo da cama.

Encontrei! Algum movimento suspeito. Você deve saber o motivo mas fica aí. Sentado, olha para o teto vazio da sala. Ainda se existisse um lustre com brilhos para te entreter... Talvez você se interesse pelas pequenas manchas de mofo...

Me ocupo com você.

(5hs da manhã e nada. Acho que será difícil continuar este trabalho. Não tem o mínimo de organização. Veja, estamos debruçados sobre o assunto há tempos e nada de se chegar em algum lugar, nada de precisão, tudo parece relativo, lascivo, opaco, desnecessário).

O sofá de sua mãe.

E o meu vestido listrado descia tátil pelo peito. Insisto no leite e na boca. E se a gente convidasse mais alguém? Mas quem? Conheço alguém. O telefone não atende... e não toca. Então vamos ficar só nós mesmo. Vou pegar algo para beber.

Eu e você. Parceria para estar bem diante de toda a crueldade que se apresenta diante e atrás de nossos olhos. Na minha casa tem palmeiras onde canta o sabiá. Urubus e cegonhas brotam da minha boca. Muitos, num mesmo bando, numa revoadada.

Devo te dizer que na semana que vem tenho uma consulta para ver se está tudo bem, se meus devaneios são "normais".

A carta.

Entre, agora te peço que de qualquer maneira primeiro tome um banho antes de deitar na cama. A rua é um lugar cheio de informações, vírus, bactérias e narrativas.

O lençol verde claro, a luz difusa, o corpo acamado. Vivemos. As imagens múltiplas de deformidades, de desigualdades, de doenças. A cidade doente e a receita do médico, dentro do envelope, sem nada escrito.

Imagens rodam em órbitas escandalosas: ao redor da terra (sim, ela é redonda - como dói ter que dizer isso), e dentro da terra, e para a terra. Para onde vamos?

Continuamos procriando, infinitamente. No que acreditamos? E a vida segue. Dois dias depois da partida ou a contagem de um instante, as medidas relativas ao corpo, a maneira que vivemos, no planeta, neste momento. Agora, agora. A ansiedade. Criativa? nos faz passar por cima do tempo e o tempo que vai para todos os lados. Escorre.

Agora: leve a ponta do dedo indicador direito na pápebra inferior de seu olho esquerdo (sim, faça isso agora). Suavemente abaixe-a. Aproxime-se da pessoa ao seu lado (não tem? aguarde) e peça par a que ela assopre dentro do seu olho. Olhe ao redor e junto.

E não esqueça da carta.